

EXPERIÊNCIAS COM RODAS DE CONVERSA NO ESPAÇO ACADÊMICO

Experiencias con ruedas de conversación en el espacio académico

Experiences with conversation rotates in the academic area

BRUNO ROSA DA ROSA

Licenciado em Português e Literaturas de
Língua Portuguesa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
brunorosasadarosa@outlook.com

GILMAR JUNIOR FERRAZ BOLSAN

Licenciado em Português e Literaturas de
Língua Portuguesa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
gilmarbolsan2017@gmail.com

CAROLINA FERNANDES

Doutora em Letras
Universidade Federal do Pampa
carolinafernandes@unipampa.edu.br

RESUMO: O presente trabalho, desenvolvido no âmbito do grupo PET Letras, da Universidade Federal do Pampa - campus Bagé, teve como propósito, em um primeiro momento, discutir as temáticas sexualidade e identidade de gênero na universidade. A necessidade de falar sobre esses temas revela a importância de um projeto que discuta essas questões de forma a desconstruir discursos que estão sedimentados socialmente. Conforme o andamento do projeto, sentimos a necessidade de expandir as temáticas de nossas discussões, como doenças psicológicas e vida acadêmica, suicídio, assédio moral, maternidade e racismo estrutural. Para isso, estão sendo realizadas rodas de conversas com a comunidade acadêmica e externa, prevendo debates sobre noções de gênero e sexualidade, identidade e subjetivação, imaginários estereotipados sobre negros, mulheres e homossexuais, entre outros. A conclusão é de que as rodas de conversa possibilitaram tomadas de posição-sujeito pelo público participante, possibilitando momentos de fala assim como de escuta, o que favoreceu a polissemia e a reflexão crítica.

Palavras-chave: Diálogo. Preconceito. Ressignificação. Cidadania.

RESUMEN: El presente trabajo, desarrollado dentro del alcance del grupo de Cartas PET, del campus de la Universidad Federal de Pampa - Bagé, tuvo como objetivo, al principio, discutir los temas de sexualidad e identidad de género en la universidad. La necesidad de hablar sobre estos temas revela la importancia de un proyecto que discuta estos temas para deconstruir discursos que estén socialmente establecidos. A medida que avanza el proyecto, sentimos la necesidad de ampliar los temas de nuestras discusiones, como la enfermedad psicológica y la vida académica, el suicidio, la intimidación, la maternidad y el racismo estructural. Con este fin, se están manteniendo conversaciones con la comunidad académica y externa, previendo debates sobre nociones de género y sexualidad, identidad y subjetivación, imaginarios estereotipados sobre negros, mujeres y homosexuales, entre otros. La conclusión es que las ruedas de conversación permitieron tomar posiciones del tema por parte del público participante, permitiendo un momento de discurso y de escucha, lo que favoreció la polisemia y la reflexión crítica.

Palabras-clave: Diálogo. Prejuicio. Reencuadre. Ciudadanía.

ABSTRACT: The present work, developed within the scope of the PET Letters group, from the Federal University of Pampa - Bagé campus, had as its purpose, at first, to discuss the themes sexuality and gender identity at the university. The need to talk about these themes reveals the importance of a project that discusses these issues in order to deconstruct discourses that are socially settled. As the project progresses, we feel the need to expand the themes of our discussions, such as psychological illness and academic life, suicide, bullying, motherhood, and structural racism. To this end, discussions are being held with the academic and external community, foreseeing debates about notions of gender and sexuality, identity and subjectivation, stereotyped imaginary about blacks, women and homosexuals, among others. The conclusion is that the conversation wheels allowed taking positions of the subject by the participating public, allowing a moment of speech as well as listening, which favored polysemy and critical reflection.

Keywords: Dialogue. Preconception. Reframing. Citizenship.

Texto enviado em: 2019.12.12
Aceito em: 2021.07.28

**Como citar esse texto
(NBR 6023:2002 ABNT):**

ROSA, Bruno Rosa da; BOLSAN, Gilmar Junior Ferraz; FERNANDES, Carolina. Experiências com rodas de conversa no espaço acadêmico. Chasque – Revista Eletrônica de Extensão e Cultura da UNIPAMPA, Bagé, v. 1, n. 1, jul./dez. 2021.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos a ação de extensão desenvolvida no âmbito do grupo PET (Programa de Educação Tutorial) Letras da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé, denominada “Rodas de Conversa”. A ação faz parte do projeto “Diálogos com a Comunidade” e teve como objetivo, inicialmente, discutir as temáticas sexualidade e identidade de gênero nas universidades da cidade de Bagé/RS, visto que tal pauta ainda é um tabu para uma parcela da comunidade bageense.

Ainda que a Constituição Federal determine no seu artigo 5º que “todos são iguais perante a lei”, sem distinção de qualquer natureza, sendo garantido aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, essa igualdade, entretanto, não chega a ser a realidade das minorias sociais, afinal, o Brasil lidera o *ranking* dos países que mais matam travestis e transexuais no mundo, ficando com a parcela de 41% dos assassinatos em todo mundo segundo dados da organização *Transrespect*. E os levantamentos de 2017 e 2018 não apresentam um decréscimo significativo, de 179 para 168 mortes.

Dessa forma, o diálogo sobre identidade de gênero e sexualidade com a comunidade acadêmica e externa torna-se urgente, tendo em vista a formação da consciência cidadã e do pensamento crítico tão caros à formação petiana. A importância de um projeto que discuta o preconceito de forma a desconstruir sentidos sedimentados na sociedade se faz também pela formação dos futuros professores e pela diversidade de nosso corpo discente e suas inquietações com o corpo e identidade.

Para isso, realizamos rodas de conversas com a comunidade acadêmica, estendendo o convite a toda comunidade bageense, prevendo debates democráticos e pluralistas sobre transexualidade e identidade. O objetivo era de

que tais espaços de fala pudessem contribuir para o bem-estar e a informação dos estudantes e demais interessados, bem como dismantelar discursos preconceituosos que negam a possibilidade de existência desses sujeitos com corpos ou identidades fora dos padrões heteronormativos, pautados em uma dualidade definida por uma ordem falocêntrica.

Buscamos, nos debates, compreender como a transexualidade é discursivizada pela comunidade acadêmica e externa, ajudando-a a entender as diferentes manifestações da identidade do ser humano e promover sua ressignificação, buscando subverter discursos de ódio difundidos na sociedade. A justificativa do projeto, além do já tratado até aqui, está em conformidade com o que orienta o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2017) que propõe a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação.

Desse modo, a ação teve como finalidade compreender o assunto de uma maneira abrangente e, também, conhecer um pouco da trajetória de ensino das pessoas transexuais em instituições de educação da região, de modo a traçarmos um panorama investigativo sobre como subjetivar-se a partir de determinado gênero pode estar relacionado a dificuldades na vida escolar/acadêmica (CASSANA, 2018). A partir dos relatos dos convidados, observou-se que a evasão escolar desses sujeitos, assim como toda a dificuldade de cumprir o itinerário da educação básica, seja na rede pública ou privada, relacionam-se às condições macropolíticas que regem essas instituições e a sociedade de modo geral, o que afeta diretamente não só a trajetória escolar bem como sua constituição enquanto sujeito social.

O processo de análise aconteceu por meio do dispositivo teórico-analítico da Análise Materialista do Discurso e a metodologia prevista para a execução das rodas se baseia em pesquisa de arquivo sobre o tema para nortear as conversas e servir de embasamento teórico,

junto com as próprias narrativas pessoais dos(as) transexuais convidados(as) a participar. A partir da introdução desse projeto no meio acadêmico, esse tema ganhou visibilidade e incentivou os participantes a fortalecer o respeito e a diversidade dentro da instituição e de nossa sociedade.

Com o avanço do projeto, percebemos a necessidade de expandir as discussões e trazer, para o centro delas, reflexões sobre saúde mental e preconceitos contra negros, mulheres e LGBTs, além disso, discutir sobre maternidade e vida acadêmica que são assuntos pertinentes à comunidade local.

DA TEORIA QUE ORIENTOU NOSSAS DISCUSSÕES

Como aporte teórico, utilizamo-nos da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista, proposta inicialmente por Michel Pêcheux, cujo entendimento da linguagem refere-se à base material (PÊCHEUX, 2009) em que os efeitos de sentido são produzidos, e esses “efeitos de sentido” são os discursos que circulam na sociedade produzindo as formações imaginárias (PÊCHEUX, 1993) sobre as quais nos dizem o que é um operário, um professor, uma esposa etc. Segundo Ferreira (2010, p. 17), “é no discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito”. Assim, por compreendermos que o sujeito e o discurso são constituídos por formações ideológicas, a Análise de Discurso foi uma ferramenta importante neste trabalho, pois nos possibilitou analisar discursivamente o funcionamento das relações de poder que se mantêm ainda naturalizadas por meio do discurso sobre os sujeitos negros, as mulheres mães e universitárias, sobre a comunidade LGBT+ entre outros sujeitos sociais com os quais nos deparamos nas rodas de conversa.

Nos debruçamos, também, durante os encontros, nos debates filosóficos realizados pela autora Judith Butler (2003) acerca das

tensões entre discurso e gênero, compreendendo que somos levados repetidamente a um problema binário ao olharmos para o corpo enquanto um acontecimento discursivo. Nesse sentido, uma Formação Discursiva binária de gênero que nos é imposta pelo interdiscurso suscitou que direcionássemos nossas inquietações para problemas outros, em um movimento de deslizamento entre FDs, o que nos tornou, nas palavras de Pêcheux (2009), “maus-sujeitos”, pois passamos a nos contraidentificar com determinados tipos de saberes a respeito de questões que envolvem a sexualidade humana nas suas mais ricas e diversificadas manifestações.

Durante a prática de fala e escuta, pudemos nos deparar com os estereótipos, ou nos termos da Análise de Discurso, os imaginários formados na sociedade sobre os sujeitos alvos de preconceito e até de discursos de ódio. Refletindo sobre a produção discursiva desses imaginários, percebemos que sua construção é ideológica, isto é, não é individual ou “pura opinião”, já que faz parte das representações sociais. E como nos explica Orlandi (2007, p. 66): “a ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’, sustentando-se sobre os já-ditos, os sentidos institucionalizados”, ou ainda estabilizados e sedimentados. Assim, nossa função no processo discursivo, enquanto mediadores da roda de conversa, é provocar a desestabilidade dos sentidos para incitar a polissemia e a reflexão crítica, tal qual o questionamento sobre a lógica binária que determina a homens e mulheres atributos específicos e papéis pré-determinados na sociedade.

A discussão sobre os imaginários discursivos nos permitiu levar os participantes a refletirem que não se trata do que é verdadeiro ou biológico, mas de uma construção ideológica que produz esse efeito de evidência com base em relações de poder que, de certa forma, naturalizam agressões, violência e assédio às mulheres, aos negros, às travestis, bem como o

preconceito contra pessoas que sofrem de doenças mentais como depressão, ansiedade e medo de falar em público. Salientamos que esses imaginários não são estanques, e podem se transformar na sociedade, produzindo ressignificações como a mulher pelo empoderamento feminino, o negro pela afirmação do valor da negritude ou do respeito à diversidade, entre outros.

Para atingir essa transformação nos discursos, é preciso que a produção de linguagem materialize essas novas discursividades, o que é possível por meio da polissemia definida por Orlandi (2009) como o processo de rompimento com a formação discursiva dominante. Pêcheux (2009, p.156) define formação discursiva como “aquilo que pode e deve ser dito em determinada conjuntura social”, o que implica a produção dos imaginários e dos sentidos. Considerando essas concepções, tratamos, na pesquisa científica *Análise dos Discursos de Resistência*, o corpus através da metodologia de análise em espiral das sequências discursivas, alternando entre descrição e interpretação como propõe Pêcheux (1990). Já quanto à metodologia de aplicação das rodas de conversa, seguimos o roteiro apresentado a seguir.

Procedimentos metodológicos: a roda de conversa como ferramenta de transformação discursiva

As rodas de conversa são abertas para o público em geral e realizadas mensalmente com a participação de membros da comunidade acadêmica e externa. Para a maioria delas, convidamos especialistas que podem contribuir com seus conhecimentos específicos, como psicólogos, professores doutores do curso de Letras e áreas afins e membros da comunidade LGBTQ+ e de movimentos afros. Os temas das rodas abordam questões de gênero e sexualidade, racismo, machismo, homo e transfobia e doenças psicológicas. Estas que, ao que nos parece, podem ter relações com os demais temas, sendo que o sujeito que sofre violência ou discriminação fica mais vulnerável

a sofrer transtornos como depressão, ansiedade, medo de falar em público etc.

A escolha desses temas também se faz por serem considerados temas tabus que não recebem espaço significativo nas conversas cotidianas, nos ambientes públicos ou mesmo familiares. Como forma de combater o preconceito, entendemos que é importante a criação de espaços de fala dentro de instituições de ensino, uma vez que estas contribuem na formação dos profissionais e cidadãos que delas sairão. Para exemplificar, debater a pauta transexualidade, respeitando o lugar de fala das pessoas transexuais, coopera com o aperfeiçoamento das relações de aceitação, entendimento e respeito.

Para melhor compreensão do tema em debate, utilizamos materiais audiovisuais, *slides*, cartazes que ajudam a introduzir o tema, a compreender o assunto e a situação de subalternização das pessoas que são vistas e tidas como diferentes. No decorrer da exposição vai se abrindo para o diálogo, e os participantes vão se sentindo à vontade de questionar os especialistas, comentar falas e até de fazer relatos pessoais, o que enriquece e muito o processo polissêmico de construção dos sentidos. Ilustramos com o relato de uma estudante de pedagogia que atua como professora da educação infantil. Ela narrou que uma menina de cinco anos contou que o tio de que ela muito gostava estava namorando um homem, e a mãe não aprovava o relacionamento, ela na dúvida sobre isso ser “errado” ou não, perguntou o que a professora achava, a professora respondeu com uma pergunta: “Mas teu tio está feliz?”, a menina disse que sim, “então não tem problema”. Esse foi um relato instigador para a reflexão de que se o sujeito tem sua sexualidade interdita, ele não será jamais feliz ou isso mesmo pode comprometer sua integridade psíquica. Também foi elogiada a resposta da acadêmica que sentiu ter sua contribuição valorizada, fazendo-a dar outros relatos e participar mais.

Até o momento, as rodas de conversa estão sendo realizadas, em sua maioria, dentro da instituição Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, mas por sua repercussão e parcerias interinstitucionais, já foram realizadas algumas rodas no Campus Central da Universidade da Região da Campanha (URCAMP) e na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)¹.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alinhado às orientações do Manual de Orientações Básicas para os grupos PET (MOB, 2006), as rodas de conversa propiciam aos alunos uma complementação de sua formação acadêmica, uma vez que estes estão envolvidos em atividades extracurriculares que contribuem também com uma educação ampla e cidadã. Assim, ao participar de tais atividades, o bolsista, em consonância com a concepção filosófica do Programa, acaba desenvolvendo habilidades para perceber de forma mais clara o que acontece consigo mesmo e com o mundo ao seu redor, tornando-se sujeito com consciência e preocupação social.

As rodas, realizadas mensalmente, acabaram se mantendo com um público em torno de 30 a 40 pessoas ao longo das primeiras edições (tabela 01), o que revela o interesse não só daqueles que pensam o projeto, mas também da comunidade externa.

A importância de se dar continuidade à discussão do tema nas instituições de ensino se justifica com a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 (LDB), cujo texto aponta a igualdade de condições para o acesso e permanência de todos nas instituições de ensino e, do mesmo modo, o respeito à liberdade e o apreço à tolerância devem ser preservados.

Inciso III: promover a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação.

Inciso IV: fortalecer o acompanhamento e o monitoramento do acesso, da permanência e do aproveitamento escolar.

De acordo com a legislação brasileira, o Ensino Fundamental é obrigatório (BRASIL, 1996), o que está reafirmado na meta 2 do PNE (Plano Nacional de Educação), conforme colocado a seguir:

Universalizar o Ensino Fundamental de nove anos para toda a população de seis a quatorze anos e garantir que pelo menos noventa e cinco por cento dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PNE (BRASIL, 2014).

Diante disso, podemos supor, ao menos em tese, que todas as crianças e os/as adolescentes frequentam a escola em algum momento da sua vida. Assim sendo, a diversidade cultural, sexual, social e étnico-racial está presente nas instituições de ensino, que precisam encontrar maneiras de lidar com as diferenças sem que elas se transformem em motivos de preconceito ou discriminação.

Espaços de diálogo como este que vem sendo proposto pelo PET Letras intensificam e favorecem a polissemia e o entendimento entre aqueles que têm se disponibilizado a participar das rodas de conversa. Discussões são levantadas e apontamentos são feitos a partir do que é noticiado pela mídia, do que é vivenciado por aqueles que estão nas instituições de ensino e que presenciam essas diversidades e também a partir das relações que podemos estabelecer com o que dizem os documentos oficiais. Nos

¹ Pela distância temporal entre a escrita do artigo e sua publicação, é relevante comentar que durante a pandemia de COVID-19 as rodas de conversa foram realizadas de forma

remota através da ferramenta *Google Meet*, ampliando o contingente de participantes, já que pessoas de localidades mais afastadas puderam participar das atividades *online*.

primeiros encontros, constatou-se que tais discussões sociais não estão desvinculadas umas das outras: o machismo, o racismo, a homofobia, a transfobia e a misoginia são tipos de discriminação e discursos de poder que estão interligados e conectados entre si.

Com isso, percebemos, por exemplo, que se tem tentado fazer propostas de políticas públicas na universidade para discutir e dar visibilidade à pauta transexual, mas quanto ao processo na escola, é evidente que é muito difícil pautar discussões que tratem de identidade, expressão de gênero e orientação sexual. Com base nos depoimentos dos participantes das rodas (Figura 01), soubemos que, por muito tempo, o sujeito sofre agressões físicas nos espaços de ensino, passando a escola a ser um lugar de preconceito e sofrimento, em vez de um local de aprendizado e respeito.

Os superiores responsáveis pela educação, por sua vez, não abordam o assunto, predominando, portanto, o silêncio e a convivência com aqueles que agridem, física e psicologicamente o aluno transexual, até que este abandone os estudos, deixando, assim, de ser um “problema” para a escola. Na maioria das vezes, esse sujeito se vê como um ser inferior, diferente daquilo que se compreende como menino ou menina, e toma para si a culpa disso tudo (CASSANA, 2018). Desse modo, com base nos relatos dos participantes, nos questionamos, enquanto professores, sobre a função das escolas e o papel desempenhado por elas na vida dos estudantes.

Essas questões decorrentes da discriminação de gênero exigem vigilância, intervenção e denúncias permanentes, quer na repressão à violência, quer na cobrança de apoio e assistência aos violentados. A situação de vulnerabilidade de indivíduos discriminados por sua identidade supõe uma luta pela adoção de políticas que lhes assegurem plenamente direitos civis desfrutados por outros segmentos, tais como possibilidade de matrimônio, constituição de família, adoção, entre outros.

A reflexão sobre o tema que desenvolvemos através da experiência das rodas de conversa possibilita-nos entender que o aumento de Projetos de Lei (PL) e de Propostas de Emendas à Constituição (PEC) que extinguem, ou que atacam frontalmente direitos adquiridos por LGBTs, exige um alerta redobrado por parte do Sindicato Nacional de Docentes de Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) na conjuntura atual. PEC e PL, que há anos foram arquivados ou que caíram no esquecimento dos parlamentares, são desengavetados e votados de forma precipitada, sem que haja discussão adequada ou sem que os movimentos sociais sejam ouvidos. Portanto, conforme o avanço do projeto, tratar-se-á de assuntos relacionados às questões de identidade de gênero e sexualidade de maneira que se crie um movimento de reflexão e de instauração de uma prática dialógica, de forma a desconstruir o pensamento conservador e os discursos de ódio aos transexuais, mostrando que essas questões são relevantes e devem ser analisadas e problematizadas de forma crítica e reflexiva.

Figura 01: Roda de conversa sobre identidade de gênero e sexualidade



Fonte: arquivo pessoal dos petianos

Considerando que algumas alunas da Unipampa são mães e, ao mesmo tempo, estudantes universitárias, a criação de um espaço dentro da academia para discussões sobre o exercício da maternidade em paralelo com as

demandas da universidade nos faz questionar e refletir sobre o que pode vir a significar, para a constituição identitária dessas mulheres, a fusão dos papéis de mães e alunas/professoras de cursos de graduação. Além disso, também foram levantadas inquietações a respeito das políticas públicas destinadas a esse público e quais limites e dificuldades são comumente impostos a essas mulheres, como, por exemplo, a falta de espaços para crianças e bebês dentro dos campi e profissionais qualificados para o seu monitoramento. Dito isso, as rodas de conversa sobre maternidade e vida acadêmica tornaram-se importantes dentro da Unipampa no sentido de que contribuem realmente para a criação de uma universidade para todos e todas.

Figura 02: Roda de conversa sobre maternidade e vida acadêmica



Fonte: arquivo pessoal dos petianos

A fobia social – ou medo de falar em público – é bastante comum em estudantes universitários, segundo diversos estudos realizados pelas próprias IES (Instituições de Ensino Superior) em que esses alunos passam por dificuldades. Ela se caracteriza como um medo excessivo de exposição social e pode prejudicar tanto o desempenho dos estudantes em atividades pessoais como, também, em atividades profissionais e da graduação. Desse modo, mais uma vez reiteramos a necessidade e urgência de espaços de fala dentro das universidades, uma vez que eles podem colaborar com a melhora não só da performance do estudante em atividades curriculares, como também podem melhorar sua qualidade de vida.

A roda contou, ainda, com a participação de estudantes do curso de graduação em psicologia da URCAMP que, com suas vivências e estudos, colaboraram significativamente com as discussões levantadas.

Figura 03: Roda de conversa sobre fobia social (medo de falar em público)



Fonte: arquivo pessoal dos petianos

De acordo com alguns relatos de estudantes universitários, surgiu a necessidade de abordarmos o tema assédio moral nas rodas de conversa, pois, segundo tais relatos, há relações de poder tanto de professores quanto de outros profissionais que atuam na universidade, o que acaba interferindo no rendimento e na permanência de estudantes nos cursos de graduação e pós-graduação. Com isso, nesta roda, tivemos a presença de uma professora membro da comissão de ética da universidade, cuja formação em Direito e em Letras, proporcionou um momento acolhedor para discutirmos sobre esse assunto que, de alguma forma, causa inibição e merece ser tratado com integridade e conhecimento.

Portanto, um dos conceitos importantes que tiveram destaque nessa roda de conversa foram as relações de poder que, de acordo com, Srouf (1998) é a:

capacidade de decidir e de obter a docilidade de outrem, de ditar ordens e de vê-las cumpridas. Mas é também a faculdade de resistir e sabotar. Retrata o confronto entre forças sociais, cada qual

brandindo o seu cacife e exibindo seus músculos. Inclui a dialética da obediência e da resistência, os polos do domínio e da contestação, a potência para sujeitar e o potencial para rebelar-se (SROUR, 1998, p. 137).

Visto isso, discutir sobre essas questões é de suma importância para conscientizarmos os estudantes universitários de que há meios de procurar ajuda dentro das universidades. Entretanto, é importante ressaltar que uma das características das relações de poder é a opressão e o medo de resistir, portanto, ao passarmos por problemas como estes, devemos contatar o coordenador(a) do curso e também a área de recursos humanos disponíveis dentro das universidades, sempre munidos de provas, como gravações, mensagens escritas, para encaminhar os procedimentos legais.

Figura 04: Roda de conversa sobre assédio moral



Fonte: arquivo pessoal dos petianos

A seguir, apresentamos uma tabela, com dados a respeito do número de participantes em cada roda de conversa que foi realizada desde 2017.

Tabela 01: Cronograma 2017-2018 das atividades desenvolvidas

Rodas de Conversa 2017-2018			
Data	Tema	Convidado	Nº de Participantes
29/08	Identidade de gênero e sexualidade	Profa. Dra. Mônica Cassana	32
27/09	Gênero, arte e educação	Profa. Dra. Mônica Cassana	28
11/10	Homossexualidade e o movimento tradicionalista	Prof. Me. Édipo Djavan dos Reis Goergen	42
28/11	Discurso de ódio	Profa. Dra. Janaína Cardoso Brum	38
18/04	Não é "mimimi"	Psicóloga Fernanda Macedo	47
25/09	Roda de conversa sobre suicídio	Psicólogo Saulo Eich	49

Fonte: arquivo do grupo PET-Letras

Tabela 02: Cronograma 2019 das atividades desenvolvidas

Data	Tema	Convidado	Nº de participantes
04/06	Ansiedade e vida acadêmica	Profa. e Psicóloga Sílvia Vargas	22
28/06	Fobia social (Medo de falar em público)	Acadêmicos do Curso de Psicologia da URCAMP	22
15/08	Maternidade e vida acadêmica	Profa. Dra. Fabiana Lazzaris	23

26/08	Masculinidades hegemônicas	Prof. Dr. Thiago Santos da Silva	17
06/09	Assédio moral	Prof. Dr. Lúcia Correa Brito	18
03/10	Censura na Bienal do Livro	Prof. Dr. Zila Letícia	20
19/10	Diversidade e Lgbtobia	Prof. Dr. Carolina Fernandes	27
07/11	Racismo estrutural	Prof. Me. César Jacinto	15

Fonte: arquivo do grupo PET-Letras

Como pode ser observado, as rodas de conversa tiveram um decréscimo significativo em seu número de participantes ao longo dos anos de 2017 e 2019, o que pode ser explicado, talvez, pelo fato de que a Universidade vem enfrentando problemas de evasão, como mostra estudo realizado pelo Ministério da Educação. Além disso, como os encontros tornaram-se mais frequentes, o público foi se dividindo entre as atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse projeto, observamos que, se não utilizarmos de nossos saberes e conhecimentos pedagógicos específicos, continuaremos legitimando o preconceito, a discriminação, as hierarquias de gênero e a violência, limitando, assim, nossa função como agentes de transformação na estrutura social baseada, pelo menos constitucionalmente, na cidadania. Do mesmo modo, quando deixamos de falar sobre – isto é, silenciarmos – causas que digam respeito às demandas dos alunos e das alunas da Unipampa, contribuimos para a evasão desses estudantes em seus cursos superiores e diretamente cooperamos com a

manutenção das relações de poder que são naturalizadas nos espaços acadêmicos, apagando mulheres e suas vivências enquanto mães, apagando homossexuais, transexuais, travestis, negros, jovens com problemas psicológicos etc.

Até o momento, o trabalho nos tem instigado e contribuído para a sensibilização desses diversos temas que surgem como problemáticas, sendo isso fundamental para a elevação de nossa capacidade de pensar e reavaliar conceitos impostos por uma formação social dominante e, por muitas vezes, conservadora. O projeto é importante porque nos ajuda a produzir novos sentidos para um conjunto de problemas e, assim, tentar discutir sobre eles, sendo isso fundamental também para uma formação mais abrangente dos acadêmicos e futuros professores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 13005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências.** Disponível em <<http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-2014-20241.pdf>> Acesso em: 21 ago. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acesso em: 21 ago. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 21 ago. 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASSANA, Mônica. **Corpo e(m) Discurso. Resignificando a transexualidade.** Curitiba: APPRIS, 2018.

FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon** (UFRGS), v. 24, p. 17-34, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. São Paulo, Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Por uma análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p.61-89.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.

SILVA, Fabiane Ferreira. SALOMÃO DE FREITAS, Diana Paula. **E-book do II Seminário Corpos, Gêneros, Sexualidade e Relações étnico-raciais na educação.** Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana/ RS, 29 e 30 de outubro de 2012.

SROUR, R. H. **Poder, cultura e ética nas organizações.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

TRANS MURDER MONITORING. **Transrespect,** 2019. Disponível em:

<https://transrespect.org/en/map/trans-murder-monitoring/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

Universidades Federais têm evasão de 15% em 2018. **Poder 360,** 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/governo/universidades-federais-tem-evasao-de-15-em-2018/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.